

Hamilton Faria

As diversas mesas realizadas no seminário internacional Cultura de Paz e Pedagogia da Convivência: Ação e Políticas Públicas, falam por si e atualizam nosso debate sobre Cultura de Paz. Talvez este seja o mérito maior deste encontro, pioneiro no Brasil, pelas temáticas conectadas com desafios do mundo contemporâneo e pelo número e qualidade das redes envolvidas e da mobilização realizada. Estabelecemos uma sinergia muito forte no encontro. Mas a novidade não está apenas nestas qualidades apontadas. **A pedagogia da convivência** aponta caminhos verdadeiramente concretos, com suas metodologias e processos educativos que buscam educar para a paz não apenas com valores, (sem dúvida imprescindível num mundo carente), mas com metodologias fundamentais no próprio cenário onde a violência graça. Uma outra grande boa nova é o estímulo à criação de políticas públicas para a Cultura de Paz. O tema deste fórum nos mostra um caminho apropriado: o de buscar um pensar e agir e a ampliação das ações ao transformá-las em políticas públicas de amplo alcance e capilaridade no mundo contemporâneo.

Uma questão importante a destacar também é a troca entre o global e o local, construindo fluxos e caminhos que dão sentido à este trabalho. Se pelo global passam as grandes decisões econômicas, políticas, ambientais de um mundo cada vez mais interdependente, com consciência crescente de que é a nossa Gaia que está em questão, de que a geopolítica é fundamental para os impérios e, conseqüentemente para a vida dos súditos, é pelo local que se dá a verdadeira mudança, a essência como dizia o geógrafo Milton Santos; este é o lugar da vida das pessoas, das relações consigo, com o outro, com a natureza. Para usar uma palavra do escritor Mia Couto, podemos nos **lugarizar**. Portanto, não podemos em cultura ou em qualquer ação contemporânea colocar em oposição local e global, sob o risco de cometermos relativismos culturais ou fundamentalismos que podem impedir qualquer processo de humanização universalista. Gandhi nos diz: “Não quero que minha casa seja cercada de muros por todos os lados e que minhas janelas estejam tapadas. Quero que a cultura de todos os povos ande pela minha casa com o máximo de liberdade possível.” Sem dúvida que uma Cultura de Paz é por natureza internacionalista, pois entende que no diálogo intercultural entre países, raças, etnias, gêneros, gerações, práticas religiosas e espirituais, modos de vida e visões de mundo poderá surgir novas sínteses criativas para a convivência.

Assim, podemos falar em valores, ações e políticas públicas que têm sua vitalidade em cenários **glocais**, ou seja, local e global. Trata-se de ações culturais glocais que pretendem mudar linguagens, estruturas e imaginários plantados na mente e no coração das pessoas e coletividades. Uma pedagogia da convivência deve estar aí presente para deslegitimar a violência direta, estrutural e cultural e apontar caminhos de convivência intercultural, como indica J. Galtung em suas reflexões sobre a Paz.

### **Os grandes desafios globais e a cultura de paz**

O mundo contemporâneo, ao mesmo tempo que está doente e desequilibrado, atravessado por violências de toda a natureza e feições, mundializando a guerra, mostrando sua face horrível de barbárie, apresenta um cenário promissor de mudanças através da ação de redes nacionais e locais, com suas idéias, ações diretas e institucionais. Um mundo belicoso que se assentou nos últimos cem anos na premissa do conflito como solução: guerra justa, libertadora, violência emancipadora. E assim foram os ciclos revolucionários, a luta colonial e a geopolítica dos impérios.

Bush fala do eixo do mal, que só haverá paz com guerra ao terrorismo e divide o mundo entre eles e nós: “quem não está conosco está contra nós”. Assim vemos ódios e inimigos em todas as partes e não compreendemos que a liberdade, a justiça e a paz jamais sairão da boca de um fuzil. Novamente Gandhi identifica a paz como sintoma da força e a violência como manifestação da fraqueza.

O cenário internacional marca-se por três grandes situações:

**1) A globalização neoliberal** que levou o mundo à níveis de desigualdade enormes, precarização do trabalho, perda de direitos, aumento da pobreza, da distância entre pobres e ricos, entre países no norte e do sul, entre integrados e excluídos. Um aumento significativo no consumo e nos padrões de tecnologia e no massacre da publicidade oferecendo mundos felizes a partir de realizações materiais. Uma verdadeira mercantilização da alma humana.

**2) O aquecimento global**, que nos evidenciou uma realidade em curso já cantada e decantada por estudiosos, redes vitais e ambientalistas, colocando em evidência a fragilidade e o momento dramático do planeta e o inadiável paradigma da sustentabilidade planetária.

**3) O 11 de setembro** que é um verdadeiro divisor de águas na ação internacional. Nunca mais seremos os mesmos. O 11 de setembro estimulou uma cultura do medo e teve como conseqüências a acentuação do unilateralismo, o desenvolvimento ainda maior do complexo industrial. Segundo Xesús Jares, “uma conseqüência dessa situação é o expressivo aumento dos gastos militares. O investimento financeiro previsto para o Pentágono é de 379 bilhões de dólares, o que significa um aumento de 48 bilhões de dólares. O investimento previsto representa nada menos que 40 % do total do gasto militar mundial, cifra dez vezes superior à que gastam Rússia e China juntas)<sup>1</sup>. Um dos grandes perdedores do 11 de setembro foi a luta pelos direitos humanos, deixando ainda mais difícil a exigibilidade desses direitos. Xesús acrescenta: “reforçar a educação para o conflito e sua resolução não violenta, a educação para o desenvolvimento e a educação multicultural e anti-racista.”<sup>2</sup>

Objetivos e conteúdos<sup>3</sup>

- Enfatizar o valor da vida humana e a cultura da não-violência;
- A busca da verdade e o ensino da verdade histórica;
- Ir às causas dos problemas;
- Valorizar a justiça e rejeitar a vingança e o ódio;
- Combater o medo;
- Lutar contra a ignorância e a manipulação informativa;
- Insistir no valor da democracia e na necessidade da globalização dos direitos humanos;
- Sensibilizar sobre a reorganização da ONU como garantia das relações internacionais;
- Oferecer alternativas e facilitar o conhecimento das conquistas sociais;
- Educar para o valor do compromisso e da esperança.

Celestin Freinet<sup>4</sup> lembra imagens de Victor Hugo e sugere uma pedagogia das águias que não sobem pela escada. E pergunta se não haveria caminhos mais rápidos, mais salutareos e menos normais que a escada. A paz pode encontrar outros caminhos para que a sua voz prevaleça em virtude do adiantado da hora?

Esta rápida descrição do cenário global nos leva como agentes e educadores de uma Cultura de Paz a fortalecer, ainda mais, as redes internacionais de direitos humanos, a luta contra a pobreza, a opressão econômica, a desigualdade e a injustiça, a luta pela democracia, uma nova aliança com a terra e o fortalecimento de todas as iniciativas em defesa da vida e de uma cultura da vida.

A nossa grande metáfora contemporânea é a rede da vida. Todos nós pertencemos à esta rede e somos seres interdependentes. Reforçar uma pedagogia da terra, uma pedagogia de uma vida planetária, uma

---

1 Educar para a Paz Em Tempos Difíceis, Xesús R. Jares, Palas Athena, São Paulo 2004, tradução de Elizabete de Moraes Santana, p. 112)

2 Idem p.131

3 Ibidem, p. 132 a 150

4 Freinet, Celestin, Uma Pedagogia do Bom Senso. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

ação internacional eficaz pelos direitos humanos e por uma cultura da vida, está entre nossos desafios mais importantes. Os documentos da ONU, da Unesco, os programas internacionais de Paz, como o da Conferência do Apelo de Haia pela Paz de 1999, a Carta da Terra, o Manifesto 2000 da Unesco, a Convenção da Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (outubro de 2005), a Carta das Responsabilidades Humanas, podem contribuir para ajudar na cura das patologias deste momento, dos efeitos adversos da mundialização e do desequilíbrio socioambiental do planeta promovendo novas possibilidades de convivência.

### **A essencialidade do local**

No plano local desenvolvem-se no país, desde os anos 80, ações e projetos de Cultura de Paz. Algumas sem este nome, estimulando valores e ações de justiça, democracia participativa, diversidade cultural, desarmamento, diálogos com escutas e auscultas e desenvolvimento sustentável. Estas redes vitais têm humanizado o território local de São Paulo e do país, e criado campos sinérgicos para a proliferação da paz e da não violência.

Amartya Sen fala da cultura como desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas. E que o desenvolvimento humano é um processo de ampliação de escolhas. E é no local que se dá esse desenvolvimento, pois a maioria das necessidades são realizadas e demandadas localmente. É aí que se dá o pertencimento à cultura criativa e podem ser gerados espaços de convivência. É aí que se corporifica e materializa-se o global e se dá nas ações, nas políticas públicas com ação do Estado e da sociedade. Como diz Alfons Martinell: “uma das maneiras de se reduzir a pobreza é trabalhar no plano local”<sup>5</sup>. Talvez possa se dar a partir do local uma resposta à globalização da desigualdade, dando um basta à violência como forma de expressão de um modo coletivo de vida e propor uma globalização solidária.

No entanto a ação local precisa ainda fortalecer a sua capacidade de ação. E aqui apontamos algumas idéias:

- Fortalecer o trabalho em rede, tanto as explicitamente de cultura de paz como buscando alianças entre aqueles que aprofundam a justiça, a equidade, a democracia e todas as experiências que, de alguma forma, expressam seu respeito à vida;
- Dar visibilidade, através de nossas organizações, a ações de paz no território;
- Integrar políticas públicas pela paz e convivência numa ação cultural pública e transdisciplinar: aqui já existem ações como redes, fóruns, conselhos parlamentares e municipais de cultura de paz;
- Dar atenção a micro-ações pela paz: ações diretas, simbólicas, artísticas como contação de histórias, recitais de poesia (não necessariamente sobre paz, estas ações em si já têm um potencial de cura das patologias sociais), de linguagem (no sentido de criar novos vocabulários, palavras e metáforas da paz), míticas, sagradas e espirituais como as ações de meditação, inter-religiosas, reflexão em pequenos grupos.

Muitas destas ações podem ser articuladas com políticas públicas para impactar o território. Destaco uma pedagogia da ação direta: retomar o espaço do cotidiano, os diálogos não só nos templos da cultura, mas diálogos de rua e uma pedagogia da simplicidade que implica em contato direto entre as pessoas, a busca estilos de vida mais simples. Aqui também podemos incluir a busca de soluções diretas para os conflitos: desde as terapias comunitárias, a mediação de conflito, a justiça restaurativa, a comunicação não-violenta, o psicodrama da cidade, assim como micro soluções cotidianas individuais ou coletivas promovidas por pessoas ou grupos de forma espontânea. Podemos destacar também as ações na escola e cursos de formação de agentes da paz.

---

<sup>5</sup> Martinell, Alfons. Palestra no Centro de Cultura da Espanha e no Instituto Pólis, São Paulo, 9 de abril de 2008.

A paz na cultura e a cultura na paz podem aprofundar este binômio e trazer a simbiose entre a sua vocação universalista e a diversidade local, fazendo uma paz ancorada no pertencimento, com seus valores, ancestralidades e escolhas das comunidades.

### **Mas por falar em paz...**

É necessário que se diga que a paz não é a não guerra, a ausência de conflitos, pensamentos únicos e imaginários homogêneos, o silêncio dos oprimidos diante dos vencedores; não é a submissão, mesmo aquela consentida e pactuada ou a passividade diante da mudança. A paz é ativa, se dá com ação, para a ação, pela ação e na ação.

Mas ela é construída de não-violência e embebida de justiça, diversidade cultural da democracia. A cultura de paz pode se manifestar de forma simbólica e silenciosa, individual ou coletiva, nos templos da cultura ou nas ruas, com manifestações artísticas ou políticas, reverente ou irreverente, através da obediência ou da desobediência. A paz não se nega a opor-se ao mando ou ao poder, não é desmobilizadora das conquistas sociais e dos direitos, ou escamoteadora do lugar e da condição dos sujeitos de direitos.

Ao contrário, ela explicita o conflito e mostra seus atores e soluções. Mas isso é importante dizer: a Cultura de Paz busca explicitamente a não violência ativa, não segue pelo atalho da violência de qualquer natureza ou da eliminação do outro. Busca o diálogo, a polifonia, a ausculta, a mediação do conflito.

Não é um método fácil, principalmente quando a vítima é a população sujeita a arrogância dos poderes – da hierarquia, dos vários personalismos, dos políticos sem princípios, do tráfico, da delinquência elementar. É sempre bom lembrar do Manifesto 2000 pela Cultura de Paz e Não-violência: respeitar a vida, praticar a não-violência ativa, ser generoso, defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, promover um comportamento de consumo responsável, contribuir para o desenvolvimento da comunidade construindo formas de solidariedade.

É necessário enfatizar que a violência cultural também se manifesta através da sociedade de consumo que vende não apenas um produto, mas um ideal de felicidade, um modo de vida, através de métodos de publicidade e propaganda, que são em grande parte responsáveis pela formação de nossos desejos reais e imaginários e também por parte ponderável da subjetividade das crianças, grande alvo do consumo. Isso nos abre um grande campo de Cultura de Paz relacionado à criação de novos valores de consumo e produtos sustentáveis. Hoje a insegurança, o medo, a ansiedade são traduzidas em produtos e serviços como, por exemplo, uma fechadura que armazena até 138 impressões digitais e travamento automático em oito segundos ou gravações automáticas de movimentos de pessoas. Recente reportagem da Revista da Folha de São Paulo nos mostra ex-oficiais do BOPE, tropa de elite da PM do Rio, treinando funcionários para torná-los decididos a vestir a camisa da empresa e transformar profissionais "comuns" em trabalhadores com espírito de liderança e resistente a pressões. Segundo a mesma matéria, quem suporta o treinamento é um "caveira" e quem fraqueja é um "invertebrado" e quem quiser "pede pra sair" porque "missão dada é missão cumprida". Segundo depoimentos alguns profissionais passam a chamar-se com números pelas suas empresas. O que significa isso senão um processo de militarização e embrutecimento do mundo do trabalho visando potencializar táticas de venda? É o mundo do consumo visto com olhares bélicos, como um campo de batalha, como uma guerra a ser vencida a qualquer custo.

Para finalizar, quero arriscar propor intuições para a criação de uma pedagogia do reencantamento do mundo: amar o outro, sensibilizar-se com as criações do espírito humano; tocar o outro (Alguma coisa acontece quando se toca em gente/ Experimente: Ulisses Tavares); experimentar a consciência do corpo, o poder da palavra, as poéticas do silêncio, as possibilidades do mistério, o sonho, a utopia, a emoção dos vários significados e passagens da vida, o sentir-se pertencente à fonte criadora, a criação

artística, a intuição e o entusiasmo, a vibração do tempo e das idades, a imaginação e a fabulação, a compaixão, a alegria de estar vivo, o solidarizar-se; servir, aprender a imaginar como as crianças, criar vários mundos de várias cores, através da diversidade; paz com ritmos, cores, sons, movimentos, luzes; fazer as coisas ainda mais belas do que são. Estender o braço da fraternidade, curar-se pelo perdão e pela palavra emancipadora; cultivar os jardins da alma e o pertencimento ao universo; ser um elo na teia dos elementos, salvar-se pela beleza, como queria Dostoievski; inebriar-se de sol e liberdade. Entender o mundo como realidade poética pode trazer luzes a uma educação para o seu reencantamento. Estas podem ser faíscas de uma proposta de reencantamento orientada por uma cultura do ser e por uma Cultura de Paz. O essencial do reencantamento é a paz, sem ela não haverá nenhum mundo poeticamente habitável, nem uma nação de poetas como queria Walt Whitman, nem Era Poética. Ou como quer John Lennon em Imagine:

.....

**Imagine que não há países.**

**Não é difícil.**

**Nada porque matar ou morrer.**

**E nenhuma religião também.**

**Imagine todo o povo**

**Vivendo a vida pela paz.**

**Imagine nenhuma posse.**

**Eu me pergunto se você é capaz.**

**Nenhuma necessidade de avareza ou fome.**

**Uma fraternidade de todos.**

**Imagine todo o povo**

**Participando do mundo...**

**Você pode dizer que sou um sonhador.**

**Mas não sou o único.**

**Espero que um dia você se junte a nós.**

**Então o mundo será como se fosse um só Mundo.**